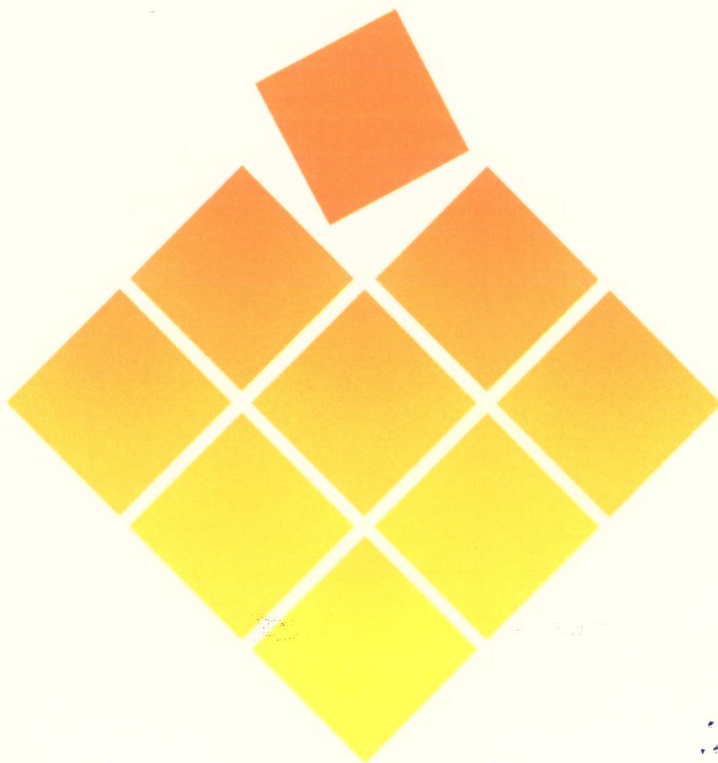


COLECÇÃO

FORMAR PEDAGOGICAMENTE

2



A AUTOSCOPIA NA FORMAÇÃO

DIVISÃO DE ESTUDOS CNFF



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Social Europeu



MINISTÉRIO DO TRABALHO
E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A AUTOSCOPIA NA FORMAÇÃO

DIVISÃO DE ESTUDOS CNFF

Este trabalho foi elaborado a partir da bibliografia referenciada, nomeadamente a obra de Vasamillet – Autoscopia e Micro-Ensino – do Centro da Organização Internacional do Trabalho – Turim.

Editor	Instituto do Emprego e Formação Profissional
Colecção	Formar Pedagogicamente
Título	A Autoscopia na Formação
Autor	Ensino do Centro da Organização Internacional do Trabalho – TURIM
Coordenação Técnica	Direcção de Serviços de Recursos Formativos
Direcção Editorial	Gabinete de Comunicação Núcleo de Informação e Documentação Actividade Editorial
Impressão e Acabamento	Loures Gráfica
Tiragem	1000 exemplares
Depósito Legal	238559/06
ISBN	972-732-990-X
5.ª Edição	Janeiro de 2006

PLANO GERAL

I. Introdução	5
II. A Técnica da Autoscopia	8
III. Realização da Autoscopia	10
IV. Modelos genéricos	15
V. Grelhas-síntese (exemplos)	17
VI. Conclusão	26
Elementos bibliográficos	27

I

INTRODUÇÃO

As inovações tecnológicas acontecidas nas últimas três décadas, modificaram profunda e decisivamente os nossos hábitos e a nossa vida. E, uma delas, o vídeo, revolucionou os sistemas de ensino e de formação profissional.

O filme e o diapositivo sempre estiveram ao serviço da formação profissional, mas foi na formação de formadores que o aparecimento do vídeo provocou mudanças de vulto.

Anteriormente a formação de formadores utilizava a técnica de simulação de sessões (lições) pelo estagiário/formando perante os colegas em formação e sob a supervisão de um pedagogo-formador. A apreciação final da intervenção assentava, então, na memória e nos "flash-back" dos participantes.

O processo tornava-se frequentemente penoso, quer para o estagiário que simulava a sessão, quer para o pedagogo-formador. Quantas vezes as partes intervenientes sentiam uma profunda frustração causada pela impossibilidade de rever/reviver as situações em análise...

Em 1956 apareceu o videogravador, aparelho que "armazena" ao mesmo tempo a imagem e o som, e que, um monitor/televisor permite ver e ouvir instantaneamente ou "à posteriori". Se, no início, pesava algumas toneladas e media 4 metros, com o evoluir da técnica tornou-se num instrumento portátil, compacto, que podemos utilizar no interior e no exterior.

Cumpria-se o sonho dos psicólogos: irmos à janela para nos vermos passar na rua! Desde então que progressos, que alegrias e que frustrações o conjunto videogravador, câmara e monitor, causou! Desde os palácios presidenciais aos dos desportos, das salas de espectáculos às de formação, é usado frequentemente. Hoje, é impossível passar sem ele!

Mas como tudo o que é novo e facilitador, também o vídeo se pode tornar num instrumento ambíguo e perigoso, utilizado, porventura empiricamente por alguns formadores que, sem

querer, se transformaram em "aprendizes de feiticeiro".

Na formação, o campo da autoscopia alargou-se de ano para ano e é utilizado em situações concretas e diversificadas:

- **Na preparação de pessoas que assumem cargos públicos.**

Indivíduos que utilizam o pequeno ecrã do televisor, no quadro das suas responsabilidades políticas, sociais e profissionais, preparam-se para as mesas redondas, para os "frente-a-frente", para as entrevistas-surpresa perante as câmaras. Os políticos, os responsáveis por associações patronais ou sindicais, os quadros superiores que querem ter êxito na sua actividade, conhecem o valor do vídeo na formação para a melhoria e promoção da sua imagem.

Para este treino, alguns indivíduos recorrem mesmo aos serviços de empresas especializadas (que dispõem de estúdios, técnicos de vídeo, psicossociólogos e, até actores, que lhes ensinam os gestos, a dicção, em suma, o saber-estar), ou até aos serviços internos das instituições a que pertencem.

- **Na formação de artistas de diferentes tipos de espectáculo.**

Alguns artistas utilizam o vídeo para prepararem ou melhorarem as suas actuações.

- **Na formação de vendedores e de outros técnicos comerciais.**

Muitas empresas utilizam este instrumento ou esta técnica para a formação dos seus vendedores na relação com o público-comprador e na preparação de inspectores ou supervisores.

- **Na formação/interacção de grupos.**

Nos jogos de empresa, em experiência de dinâmica de grupos, no "role-playing"...

- **Na formação do saber-fazer.**

Na aprendizagem das técnicas desportivas, profissionais, gestuais...

- **Na formação de formadores.**

Na formação de professores, de instrutores, de monitores e de animadores.

Em suma, qual é hoje o sector de actividade que não utiliza o vídeo?

A TÉCNICA DA AUTOSCOPIA

Consiste num processo de auto-análise que permite ao indivíduo rever-se na acção e conhecer-se melhor, tomando consciência dos seus pontos fortes e fracos, a fim de se aceitar e melhorar. Um docente, um político, um dirigente ou um desportista que visiona a lição, o discurso, a reunião, a entrevista, o jogo, para analisar a sua "performance", utiliza a *autoscopia*.

A autoscopia tem a sua origem na actividade desenvolvida, em 1967, pelo Centro de Audiovisuais da Escola Normal de Saint Cloud – em França – FAUQUET e STRASFOGEL.

A utilização da autoscopia, na formação ou aperfeiçoamento pedagógico de docentes, permite:

- a identificação e descrição das principais aptidões, expressas em termos de comportamentos, indispensáveis na preparação, desenvolvimento e análise de uma sessão de formação;
- a auto-análise;
- a identificação dos comportamentos pedagógicos a adquirir ou a melhorar.

A autoscopia visa melhorar o comportamento do formador, mediante a observação global da sua intervenção, em situações didácticas normais ou próximas das reais.

A ideia base é a de colocar o "formador-em-formação" numa situação de formação (sessão), a fim de ser observado pelos restantes que analisam e criticam com ele a sua actuação. Assim, é devolvida ao docente a imagem – o "feed-back" – do seu comportamento perante os formandos e das reacções destes à sua intervenção.

A autoscopia permite, deste modo, o aperfeiçoamento do "formando-formador", através da integração da opinião do grupo e, ainda, pelo desenvolvimento das faculdades de

de auto-observação e da autocrítica.

O interesse da TV neste tipo de trabalho reside, essencialmente, no facto de propor rápida, fácil e economicamente um "feed-back" muito mais objectivo do que aquele que os observadores humanos fornecem.

Além da objectividade que proporciona, também facilita as relações "formando-formador/animador" porque permite àquele descobrir por si os seus pontos fracos, evitando que o animador se coloque na posição de censor.

A conservação de uma gravação permite comparar "performances" distantes no tempo e, assim, medir os progressos efectuados.

FINALIDADES DA AUTOSCOPIA

- Treinar competências na área da preparação, animação e análise de sessões de formação.
- Desenvolver capacidades de crítica, de síntese e de trabalho em grupo.
- Diagnosticar comportamentos pedagógicos a melhorar.

REALIZAÇÃO DA AUTOSCOPIA

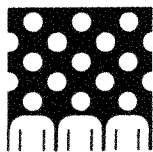
No contexto da Formação Profissional, a autoscopia realizada para formação dos formandos baseia-se, em geral, na simulação de sessões. Assim, cada "formador-em-formação" simula uma sessão, desempenhando os colegas do grupo o "papel" de formandos.

A sequência dos trabalhos, as regras estabelecidas, os critérios de análise resultam de um diálogo entre o animador e o grupo de "formadores-em-formação".

Variando por vezes na ordem das operações, o esquema seguido para a autoscopia assenta, globalmente, nas seguintes *fases*:

1. PREPARAÇÃO
2. DESENVOLVIMENTO
3. VISIONAMENTO
4. ANÁLISE
5. SÍNTESE

1. PREPARAÇÃO



Uma vez clarificados os objectivos e o processo da autoscopia, os participantes preparam as suas sessões. É importante ter em conta nesta fase:

- **o tema da sessão**, que deve ser simples para que o trabalho se centre, preferencialmente, na forma de condução da sessão, relegando para segundo plano o conteúdo.

Exemplos de temas para sessões de simulação:

- partes de um instrumento de medida ou de uma máquina (micrómetro, comparador, multímetro, torno);
- utilização ou redacção de um documento (vale postal, cheque, requerimento);
- aplicação de um procedimento ou de uma receita (transplante de uma planta, preparar um "cockta il")

Numa autoscopia inicial o tema pode ser livre mas, nas intervenções seguintes, os participantes deverão escolher conteúdos da sua área profissional, uma vez que se pretende o treino na função monitor.

- **a definição da população-alvo** a que é dirigida a lição, através do estabelecimento do perfil dos participantes da sessão (níveis etário e escolar, situação profissional, pré-requisitos).
- **a duração da sessão** que deve ser curta (10 a 20 minutos). A sessão deve, no entanto, compreender todas as etapas necessárias para a consecução dos objectivos visados, isto é, deve permitir a aprendizagem do tema por formandos com o perfil previamente estabelecido. É aconselhável que a duração nunca ultrapasse os 30 minutos, uma vez que todo o processo de desenvolvimento, análise e síntese se tornaria assim muito moroso e fatigante para o grupo.

- **A necessidade de elaboração de um plano de sessão** que, numa autoscopia inicial, poderá revestir o aspecto simples de um esquema que inclua os objectivos visados, o conteúdo e o desenvolvimento previsto.

Em autoscopias subsequentes e após o tratamento deste assunto, o plano revestirá uma forma progressivamente complexa e rigorosa que facilite ao formador um suporte pessoal e consistente para o desenvolvimento da sessão.

- **a organização dos meios materiais de apoio à sessão.**

2. DESENVOLVIMENTO



Antes do início da sua sessão, cada formador deverá clarificar a população-alvo, estabelecendo um "contrato" com os colegas que desempenharão o "papel" de formandos durante a sessão. A sequência das intervenções e o horário respectivo deverá resultar do diálogo entre os participantes, e será registada num quadro afixado.

Pelas razões atrás expostas, há toda a vantagem em videogravar a sessão. Este registo deve obedecer a regras relacionadas com a isenção da câmara, o enquadramento da situação global da sessão, em suma, com princípios de ordem pedagógica.

Os restantes participantes e o animador da autoscopia anotam alguns aspectos observados, numa perspectiva de detecção dos pontos fortes e fracos da sessão.

3. VISIONAMENTO



Nesta fase, realizada quando as lições são gravadas em vídeo, cada formador-em-formação assiste ao registo da sua sessão, integrado no grupo. É este o momento em que cada formador se confronta com a sua imagem, enquanto monitor de uma sessão de formação; é a oportunidade de rever os seus comportamentos e de registar os aspectos mais e menos positivos. Os restantes participantes e o animador podem, através do visionamento, confirmar as impressões recolhidas durante o desenvolvimento.

4. ANÁLISE



No início da fase de análise, na autoscopia inicial de um grupo e, em geral, a propósito da primeira intervenção visionada, são discutidos e definidos os *critérios de análise* a utilizar. No ponto V apresentamos algumas grelhas mais ou menos rigorosas, usadas de acordo com as situações e com os perfis dos participantes.

Um dos processos (MODELO I), de realizar a análise de cada sessão é baseá-la na auto-crítica do monitor dessa sessão, após o visionamento.

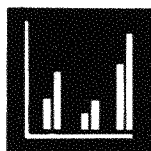
Às opiniões manifestadas pelo autor da intervenção (1) deverão, em seguida, juntar-se as críticas (positivas e negativas) dos restantes elementos do grupo (2) e, finalmente, as do animador (3) com a intenção de integrar os pareceres manifestados e de focar alguns aspectos relevantes ainda não abordados. É importante que as críticas apresentadas pelos participantes sejam centradas nos critérios previamente estabelecidos pelo grupo, afastando-se de aspectos menos objectivos que poderão gerar alguma sensação de mal-estar entre os elementos do grupo.

Para a análise da sessão podem ser utilizadas outras sequências de apreciação, após o visionamento: críticas dos restantes participantes (1), análise do animador (2) e, finalmente, a autocrítica (3).

Um outro processo (MODELO II) de conduzir a autoscopia é, ainda, fazer a análise da sessão, imediatamente após o desenvolvimento, através das críticas dos outros participantes (1) e, seguidamente do animador (2). Após todas as observações, o autor da intervenção faz o visionamento integrado no grupo e, finalmente, procede à sua autocrítica (3).

Nesta fase de análise, em que cada formador-em-formação é confrontado com a própria imagem e com as apreciações dos colegas e do animador, é essencial que o grupo desenvolva um espírito de entre-ajuda e a noção clara de que todo o processo visa o diagnóstico dos comportamentos a melhorar e, por consequência, o seu aperfeiçoamento pedagógico.

5. SÍNTESE



No final do processo de autoscopia é indispensável que cada participante reconheça os pontos fortes e fracos relativos à sua sessão, identificando quais os aspectos a melhorar na sua acção pedagógica.

Este objectivo pode ser obtido através do preenchimento da grelha-síntese estabelecida pelo grupo (ver exemplos de grelha-síntese de autoscopia no ponto V). O preenchimento basear-se-á nas apreciações feitas anteriormente pelos diversos intervenientes, e pode resultar de uma reflexão individual (com o apoio do animador) ou do diálogo do grupo. Em autoscopias subsquentes as grelhas de síntese poderão prever a hipótese de comparar resultados, o que permitirá observar os progressos de cada participante.

MODELOS GENÉRICOS

Em suma, existem vários esquemas de realizar a autoscopia, adaptáveis a diferentes públicos e a situações diversificadas.

Podemos descobrir vantagens e inconvenientes em cada processo.

O fundamental é encontrar a fórmula adequada para cada situação.

No *quadro* seguinte estão esquematizados os dois *modelos mais frequentemente utilizados*, onde poderão, ainda, ser introduzidas as variações de sequência referidas em III-4.

REALIZAÇÃO DA AUTOSCOPIA

MODELOS GENÉRICOS

MODELOS	FASES				
I	<u>PREPARAÇÃO</u>	<u>DESENVOLVIMENTO</u>	<u>VISIONAMENTO</u>	<u>ANÁLISE</u>	<u>SÍNTESE</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Gravação inicial de todas as intervenções • Visionamento, análise e síntese de cada sessão. 	Clarificação das regras Definição de: <ul style="list-style-type: none"> • tema • população-alvo • duração • plano de sessão • meios materiais. 	São gravadas as sessões de todos os participantes, desenvolvidas a seguir umas às outras, para serem depois analisadas uma a uma, a partir do visionamento de cada sessão.	Seguindo a ordem das sessões desenvolvidas, para cada sessão visionada é feita a respectiva análise.	Para cada sessão visionada a análise passa pela <ul style="list-style-type: none"> • autocritica • critica dos participantes • critica do animador. 	É preenchida uma grelha síntese para cada sessão observada (preenchimento individual ou em grupo).
II	<u>PREPARAÇÃO</u>	<u>DESENVOLVIMENTO</u>	<u>VISIONAMENTO</u>	<u>ANÁLISE</u>	<u>SÍNTESE</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Gravação de cada sessão seguida imediatamente da análise, visionamento e síntese. 	Clarificação das regras Definição de: <ul style="list-style-type: none"> • tema • população-alvo • duração • plano de sessão • meios materiais. 	Após o desenvolvimento e gravação de cada sessão, segue-se imediatamente a respectiva análise, visionamento e síntese antes do desenvolvimento da sessão seguinte.	Cada intervenção é seguida de <ul style="list-style-type: none"> • crítica dos outros participantes • crítica do animador. O formador-em-formação recolhe, nesta fase, elementos para a sua autocritica após o visionamento.	Neste modo, o visionamento constitui um factor de confirmação das críticas recebidas e da facilidade da autocritica	O monitor de cada lição, após escutar os colegas e o animador e depois de ter visionado a sessão, faz a sua autocritica. O preenchimento da grelha-síntese é, em geral, feito em grupo.

GRELHA SÍNTESE (exemplos)

Os critérios para análise de uma sessão de formação são, em geral, colocados em grelhas-síntese que podem ser utilizados pelos participantes para sistematização dos comportamentos a melhorar.

Em seguida são apresentados exemplos de algumas grelhas frequentemente utilizadas. Conforme referido em III-4, os critérios de análise a estabelecer para a autoscopia de um grupo, resultam do debate do grupo em formação, com base na detecção dos pontos fortes e fracos de uma sessão.

GRELHA 1

Data:

Nome do Participante

Tema

Objectivo(s) da Sessão

.....

.....

.....

Fases	Parâmetros	Aspectos a melhorar
Preparação	1. Definição de objectivos pedagógicos	
	2. Plano da sessão	
	3. Domínio do assunto	
	4. Preparação de auxiliares pedagógicos	
Desenvolvimento	5. Comunicação dos objectivos	
	6. Motivação	
	7. Actividade dos participantes	
	8. Utilização de auxiliares pedagógicas	
	9. Individualização da aprendizagem	
	10. Criatividade	
	11. Autoconfiança	
	12. Comportamento socio-afectivo	
	13. Comportamento físico	
	14. Controlo do tempo	
Avaliação	15. Avaliação contínua	
	16. Avaliação final	

GRELHA 2

- 1.º Domínio do assunto apresentado
- 2.º Motivação
- 3.º Comunicação dos objectivos
- 4.º Actividade dos participantes
- 5.º Verificação dos conhecimentos anteriores
- 6.º Resultados da aprendizagem
- 7.º Auxiliares pedagógicos
- 8.º Preparação da sessão
- 9.º Individualização da aprendizagem
- 10.º Sentido criador
- 11.º Reacções afectivas
- 12.º Confiança em si
- 13.º Comportamento social
- 14.º Comportamento físico (voz, movimentos, etc.)

1.º DOMÍNIO DO ASSUNTO APRESENTADO

- a) domina pouco a matéria
- b) domina razoavelmente a matéria
- c) domina bem a matéria
- d) domina muito bem a matéria
- e) faz prova de um total domínio e dum contributo pessoal e original

2.º MOTIVAÇÃO

- a) nula (nenhum interesse pela parte dos participantes, mostrando-se

- distraídos, indiferentes, etc.)
- b)* fraca (pouco interesse manifestado pelos participantes, que raramente intervêm, etc.)
 - c)* normal (os participantes manifestam um certo interesse, intervindo espontaneamente na sessão, etc.)
 - d)* intensa (os participantes demonstram muito interesse, intervindo frequentemente na sessão, etc.)
 - e)* muito intensa (os participantes mostram-se vivamente interessados, desejam complementar as actividades desenvolvidas, etc.)

3.º COMUNICAÇÃO DOS OBJECTIVOS

- a)* não foram comunicados
- b)* foram expressos de forma vaga
- c)* foram comunicados em termos de fins a atingir
- d)* foram comunicados em termos de comportamentos observáveis
- e)* foram comunicados em termos de comportamentos observáveis, apoiados em situações motivantes

4.º ACTIVIDADE DOS PARTICIPANTES

- a)* não foi suscitada
- b)* foi suscitada ocasionalmente
- c)* foi solicitada mas não controlada sistematicamente
- d)* foi solicitada individualmente após cada período de informação
- e)* foi controlada individualmente sob forma de reforço imediato

5.º VERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ANTERIORES

- a)* não foram verificados
- b)* foram objecto de uma breve revisão

- c) foram objecto de revisão dos pontos fundamentais
- d) foram verificados individualmente através de uma revisão detalhada
- e) foram verificados através de uma revisão detalhada, permitindo uma recuperação individual

6.º RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

- a) não foram controlados
- b) foram objecto de um controlo diferido sob a forma de questões abertas
- c) foram objecto de um controlo imediato sob forma de perguntas directas
- d) foram objecto de um controlo imediato e individual
- e) foram objecto de um controlo sistemático e individual, incluindo sobre os objectivos das sessões

7.º AUXILIARES PEDAGÓGICOS

- a) não foram utilizados
- b) foram utilizados ocasionalmente
- c) foram utilizados adequadamente como ilustração da sessão
- d) foram utilizados adequadamente sob a forma de resumos realçando os pontos-chave
- e) foram utilizados sistematicamente sob a forma de sequências de aprendizagem

8.º PREPARAÇÃO DA SESSÃO

- a) não foi feita
- b) foi redigido um plano de forma sumária e preparados os materiais mínimos
- c) foi redigido o plano da sessão contendo os seguintes pontos (título,

material necessário, fases principais da sessão e tempo previsto). Foi preparado o material necessário

- d)* o plano da sessão inclui, para além dos pontos anteriores: o objectivo da sessão, o processo de motivação, descrição pormenorizada do encadeamento das operações, formas de avaliação e auxiliares pedagógicos. Preparou ordenadamente todos os materiais necessários
- e)* a preparação referida em *c)* e *d)* foi enriquecida com elementos originais (modelos, documentos pedagógicos, documentos técnicos específicos, testes de avaliação, etc.)

9.º INDIVIDUALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM

- a)* não foi praticada nenhuma individualização
- b)* foi feita uma individualização mas sem ter em conta o interesse e a motivação de cada um
- c)* foi praticada uma individualização de forma sumária
- d)* foi praticada uma individualização tendo em conta o ritmo de trabalho de cada indivíduo
- e)* foi praticada uma individualização tendo em conta o ritmo de trabalho de cada indivíduo e prevendo tarefas de recuperação ou de enriquecimento sempre que necessário

10.º SENTIDO CRIADOR

- a)* reproduz com dificuldade os modelos
- b)* não apresenta inovações no desenvolvimento da sessão
- c)* imita, acrescentando algo pessoal
- d)* faz prova de criatividade (na apresentação dos documentos, das situações de aprendizagem, das avaliações, adapta-se rapidamente ao auditório, etc.)
- e)* faz prova de um sentido criador muito desenvolvido

11.º REACÇÕES AFECTIVAS

- a) põe em evidência as respostas incorrectas, ridiculariza os formandos cria um clima de angústia e de mal-estar
- b) não considera as intervenções dos formandos. Não suscita nenhuma reacção (ou muito pouca)
- c) considera apenas algumas intervenções
- d) considera cada uma das intervenções dos formandos, rectifica os erros
- e) tira partido de cada intervenção dos formandos, rectifica eventuais erros. Valoriza cada intervenção

12.º CONFIANÇA EM SI

- a) tímido, pouco à vontade, evidenciando sinais de ansiedade
- b) falta de segurança, facilmente impressionável, confuso
- c) seguro de si, calmo
- d) prova ser seguro, domina as suas reacções emocionais
- e) muito seguro de si, domina todas as suas emoções

13.º COMPORTAMENTO SOCIAL

- a) suscita agressividade
- b) suscita indiferença ou reacções de distração
- c) suscita e encoraja a participação, regula de forma equitativa os diferendos no seio do grupo
- d) encoraja a compreensão mútua
- e) favorece em alto grau o interesse de uns pelos outros

14.º COMPORTAMENTO FÍSICO

(voz, movimentos, etc.)

- a) comportamento que impede a compreensão (voz inaudível, gestos desordenados, etc.)

desordenados, etc.)

- b) comportamento que dificulta a compreensão, exprime-se de forma pouco clara
- c) exprime-se normalmente com voz inteligível, sem gestos desordenados
- d) exprime-se claramente com preocupação de se fazer compreender, utilizando adequadamente certos movimentos
- e) controla constantemente o volume e a clareza da sua voz, assim como cada um dos seus movimentos

e														
d														
c														
b														
a														
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
	DOMÍNIO	MOTIVAÇÃO	COMUNIC.	ACTIV.	VERIF.	RES. UT.	AUXILI.	PREPAR.	INDIVÍD.	SENTIDO	REACÇÕES	CONFIANÇA	COMPORT.	COMPORT.
	ASSUNTU		OBJECTIV.	PARTICIP.	CONSEC.	APRENDIZ.	PEDAGOG.	SIGNAÇÃO	APRENDIZ.	ORADOR	AFFECTIVAS	EM SI	SOCIAL	FÍSICO
	APRENDIZADO				ANTER.									

GRELHA 3

GRELHA DE ANÁLISE DE UMA SESSÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Nome:

Tema

População

Acção n.º Tempo previsto

Tempo gasto

Fases da lição	Aspectos a observar	Bem conseguidos	A melhorar	Observações
P R E P A R A Ç Ã O	1. Domínio do assunto	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	2. Definição dos objectivos	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	3. Plano de sessão	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	4. Preparação de auxiliares pedagógicos	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
D E S E N V O L V I M E N T O	5. Comunicação dos objectivos	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	6. Motivação	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	7. Actividade dos participantes	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	8. Utilização de auxiliares pedagógicos	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	9. Métodos escolhidos	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	10. Individualização da aprendizagem	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	11. Criatividade	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	12. Auto-confiança	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	13. Comportamento físico	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	14. Controlo do tempo	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	15. Síntese/Conclusão	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
A V A L I A Ç Ã O	16. Avaliação efectuada	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
	17. Instrumentos de avaliação	<input type="text"/>	<input type="text"/>	

GRELHA 4

SÍNTESE DA AUTOSCOPIA

Nome: Data:/...../.....

Fases da sessão		Aspectos a considerar	Dominados	A melhorar
P R E P A R A Ç Ã O		1. Definição dos Objectivos	1. <input type="text"/>	1. <input type="text"/>
		2. Domínio do Assunto	2. <input type="text"/>	2. <input type="text"/>
		3. Organização do Plano de Sessão	3. <input type="text"/>	3. <input type="text"/>
		4. Preparação de Meios e Auxiliares Pedagógicos	4. <input type="text"/>	4. <input type="text"/>
		5. Preparação de Instrumentos de Avaliação	5. <input type="text"/>	5. <input type="text"/>
R E A L I Z A Ç Ã O	I N T R O D U Ç Ã O	6. Criação de um clima favorável	6. <input type="text"/>	6. <input type="text"/>
		7. Comunicação dos objectivos	7. <input type="text"/>	7. <input type="text"/>
		8. Enquadramento Geral da Matéria (Ligação ao conhecido, Apresentação global)	8. <input type="text"/>	8. <input type="text"/>
		9. Controlo dos pré-requisitos	9. <input type="text"/>	9. <input type="text"/>
		10. Motivação	10. <input type="text"/>	10. <input type="text"/>
	D E S E N V O L V I M E N T O	11. Formas de Comunicação e Expressão	11. <input type="text"/>	11. <input type="text"/>
		12. Métodos e Técnicas (Escolha e Expressão)	12. <input type="text"/>	12. <input type="text"/>
		13. Actividade dos Formandos	13. <input type="text"/>	13. <input type="text"/>
		14. Estrutura e Sequência da Sessão	14. <input type="text"/>	14. <input type="text"/>
		15. Utilização dos Auxiliares Pedagógicos	15. <input type="text"/>	15. <input type="text"/>
		16. Revisões e Sínteses Parcelares	16. <input type="text"/>	16. <input type="text"/>
		17. Avaliação Parcelar (Feed-back)	17. <input type="text"/>	17. <input type="text"/>
		18. Comportamentos Sociais e Afectivos	18. <input type="text"/>	18. <input type="text"/>
		19. Controlo das Situações	19. <input type="text"/>	19. <input type="text"/>
		20. Criatividade	20. <input type="text"/>	20. <input type="text"/>
	C O N	21. Síntese Geral	21. <input type="text"/>	21. <input type="text"/>
		22. Reforço do Essencial	22. <input type="text"/>	22. <input type="text"/>
		23. Avaliação Final	23. <input type="text"/>	23. <input type="text"/>

CONCLUSÃO

A autoscopia é uma técnica, frequentemente usada na formação dos formadores, que visa proporcionar ao participante os meios para uma análise da sua própria actuação, através do diagnóstico dos aspectos a melhorar.

A descoberta destes aspectos resulta, geralmente do *feed-back* proveniente de uma ou mais fontes: a observação do registo vídeo da sessão (simulada), a integração das críticas dos outros participantes, a análise comparativa dos comportamentos registados com atitudes standard (classificados em níveis) em grelhas...

Este trabalho implica, para além do empenhamento pessoal, todo o envolvimento de um grupo de participantes, a gestão de todas estas interacções e a síntese de todos os saberes anteriormente adquiridos, em função de uma actuação concreta.

Por estas razões, a autoscopia, quando bem orientada, permite a integração das diversas capacidades desenvolvidas, conduzindo a uma efectiva progressão individual. A orientação destes trabalhos passa pela escolha dos modelos, dos métodos, dos meios e dos instrumentos mais adequados para um determinado grupo.

É importante que, em cada momento, o grupo se sinta co-responsável pela sua própria progressão e que a autoscopia constitua, em última análise, um factor decisivo que favoreça, no grupo, o desenvolvimento da sua autonomia, do espírito de entre-ajuda e da capacidade de gerir a sua própria aprendizagem.

ELEMENTOS BIBLIOGRÁFICOS

ALLEN D.; RYAN K. – *Le micro-enseignement*, une méthode rationnelle de formation des enseignants, Paris, Dunod, 1972.

ALLEN D.; RYAN K. – *Microteaching*. Don Mills, Ont.: Addison-Wesley Publishing Company Inc., 1969, p. 151.

BABIN P. – A student's guide to microteaching. Ottawa: Document miméographié. 1969.

BECKER G. – *Microenseñanza*: entrenamiento en el arte de preguntar, La Educación hoy, 10 pp. 405-412. Publicado en Programmiertes Lernen Unterrichtstechnologie und Unterrichtsforschung. 1971, pp. 174-183.

BERLINDER D. C. – *Microteaching and the Technical Skills Approach to Teacher Training*, Stanford, Calif., Center for Research and Development in Teaching, 1969.

BORG W. R.; KALLENBACH W.; MORRIS M.; FRIEBEK A. – *The effects of videotape feedback and microteaching in a teacher training model*. Document miméographié, 1970.

BRUNELLE et al. – *Le micro-enseignement: un outil de formation des enseignants en éducation physique*. Revue Mouvement, vol. 7, n.º 3, septembre 1972, pp. 134-152.

CARKHUFF R.; BERENSON D. – *The skilled teacher*; Human Resource Development Press, Amherst, Massachusetts, USA, 1981.

CHAMPAGNE M. – *L'autoscopie à l'Université*, un instrument de perfectionnement pour les professeurs, Université Laval, Québec, SPU, Mai 1979.

D'HAINAUT L. – *Grille pour l'appréciation détaillée des leçons des stagiaires*. Université de l'Etat, Mons. et SEMME 731.110.

D'HAINAUT L. – *Grille d'évaluation d'une leçon*. Notes de cours, Université de l'Etat, Mons, 1975.

DE LANDSHEERE G.; BAYER E. – *Comments les maîtres enseignent*. Analyse des interactions verbales en classe. Bruxelles, Ministère de l'Education Nationale, Organisation des Études, 1974.

DUSSAULT G.; LECLERC M.; BRUNELLE J.; TURCOTTE C. – *L'analyse de l'enseignement*. Montréal, Presses de l'Université du Québec, 1973.

FAUQUET M.; STRASFOGEL – *L'audio-visuel au service de la formation des enseignants*, Paris, Delagrave, 1972.

FLANDRES N. – *Interaction analysis in the Classroom*, Ann Arbor, University of Michigan, 1966.

HUGHES M. *et al.* – *Development of the Means for the Assessment of the Quality of Teachers in Elementary Schools*, Salt Lake City, University of Utah, 1959.

LEON A. – *Les grilles d'observation des situations pédagogiques*, en *Revue Française de Pédagogie*, 30, 1975, pp. 5-13.

OBER R. L.; BENTLEY; MILLER E. – *Systematic observation of teaching*. Toronto, Prentice Hall of Canada, 1971, p. 236.

OLIVERO J. L. – *Micro-Teaching: medium for improving instruction*, Southwestern Cooperative Educational Laboratory Albuquerque, New Mexico, Merrill P. Company, Columbus, Ohio, USA, 1970.

POSTIC M. – *Observation et formation des enseignants*, Paris, PUF, 1977.

ROSENSHINE B.; FURST N. – *The use of direct observation to study teaching*, in R. TRAUERS, *Second Handbook of Research on Teaching*, Chicago, Rand McNally, 1973.

TOURNEUR Y.; VASAMILLET C. – *L'évaluation au service de la formation: situations techniques, résultats*. CIPPT, TURIN, 1981.

VOLUMES PUBLICADOS

1. O Método dos Casos
2. A Autoscopia na Formação
3. A Análise de Trabalho
4. Os Média na Formação Profissional
5. A Avaliação da Formação Profissional
6. A Avaliação na Formação Profissional – Técnicas e Instrumentos
7. Elaboração de Programas de Formação
8. A Comunicação Pedagógica
9. Iniciação ao Conflito em Pedagogia
10. Jogos Pedagógicos
11. O Método Expositivo
12. A Dinâmica do Relacionamento Interpessoal
13. O Painele de Controlo da Formação
14. Condições e Factores de Aprendizagem
15. Formação Profissional em Disco Compacto Interactivo
16. A Dinâmica do Relacionamento Interpessoal – Roteiro de Animação Pedagógica
17. O Perfil e Funções do Formador
18. O Retroprojector e a Produção de Transparências
19. Animação de Grupos e Liderança
20. O Multimédia e o Formador
21. A Formação Profissional nas Organizações
22. Plano de Formação – Etapas e Metodologias de Elaboração
23. Métodos Técnicas Pedagógicas (Fora da Colecção)
24. Uma Pedagogia para a Criatividade
25. Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho – Escritórios e Serviços

Para informações e encomendas, contacte:
GCM – Gabinete de Comunicação
Núcleo de Informação e Documentação
Actividade Editorial
Av. José Malhoa, 11-Piso 0 – 1099-018 Lisboa
Telef.: 218 614 100